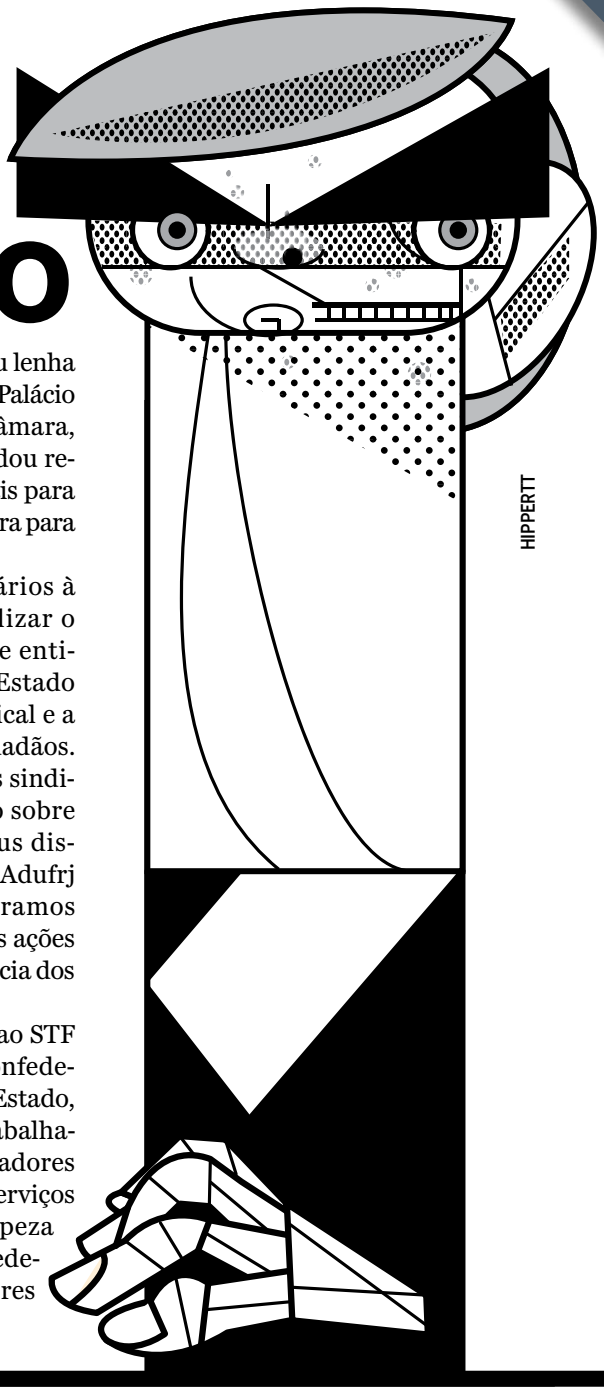
BOLETIM DA AdUFRJ
ANO IV Nº 169 | 28 DE MARÇO DE 2019

NESTA EDIÇÃO, CANDIDATOS À REITORIA DEBATEM ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E CANECÃO

JUSTIÇA ENFRAQUECE MP DE BOLSONARO



ANA PAULA GRABOIS
anapaula@adufrj.org.br

Nas últimas três semanas, sindicatos de diversas categorias e localidades do Brasil ganharam respaldo da Justiça contra a medida provisória do presidente Bolsonaro que ameaça a sobrevivência financeira do movimento sindical. Sete Ações Diretas de Inconstitucionalidade (Adins) foram impetradas no Supremo Tribunal Federal. Na primeira instância da Justiça Federal, ao menos 31 sindicatos tiveram liminares concedidas, incluindo a Adufrj.

Editada na véspera do carnaval, a MP 873 obriga que o pagamento de qualquer contribuição sindical seja feito apenas por boleto bancário e proíbe a possibilidade de os trabalhadores autorizarem o desconto em folha de pagamento. O relator do caso no STF, o ministro Luiz Fux, decidiu que o julgamento das ações será realizado em plenário "tendo em vista a repercussão jurídica e institucional da controvérsia". Fux pediu informações sobre o tema, mas a data de julgamento ainda não foi definida.

Sob o impacto da avalanche de ações judiciais, o governo editou um decreto presidencial em 21 de março, reforçando o teor da MP. A iniciativa colocou lenha na disputa entre o Congresso e o Palácio do Planalto. O presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), convidou representantes de centrais sindicais para uma reunião na próxima terça-feira para tratar da medida provisória.

Entre os argumentos contrários à MP estão: o efeito de inviabilizar o funcionamento de milhares de entidades, a impossibilidade de o Estado interferir em organização sindical e a liberdade de associação dos cidadãos. "As Adins e as ações feitas pelos sindicatos reforçam a interpretação sobre a inconstitucionalidade de seus dispositivos", disse a advogada da Adufrj Ana Luisa Palmisciano. "Esperamos que o STF paute rapidamente as ações diante do impacto na sobrevivência dos sindicatos".

As sete ações que chegaram ao STF têm como autores a OAB, as confederações das Carreiras Típicas de Estado, dos Servidores Públicos, dos Trabalhadores em Turismo, dos Trabalhadores em Empresas de Prestação de Serviços de Asseio e Conservação, Limpeza Urbana e Áreas Verdes, a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria e o PDT.

CAMPUS DE CAXIAS: AULAS ADIADAS MAIS UMA VEZ

As aulas no campus da UFRJ em Caxias já foram adiadas duas vezes por falta de climatização nas salas. Deveriam ter começado dia 11, foram suspensas até segunda (25) e, agora, até 1º de abril. E pode haver um terceiro adiamento. O conselho deliberativo local discute as condições de funcionamento na sexta (29).

O campus foi inaugurado às margens da rodovia Washington Luiz, em 6 de agosto do ano passado. Mas, quase oito meses depois, a infraestrutura elétrica ainda não está preparada para receber os aparelhos de ar-condicionado.

A cobrança por uma solução à administração central é antiga. Já no fim de agosto, o diretor-geral da UFRJ em Caxias, professor Juan Martin, encaminhou um memorando requisitando a abertura de um processo para a climatização do local. Ele afirma ser insalubre lecionar fora das condições climáticas aceitáveis, ainda mais nesta época do ano.

A Reitoria não respondeu sobre o motivo do atraso. Por nota, a assessoria informou apenas que a "Prefeitura da UFRJ está dando suporte ao campus para viabilizar a instalação dos aparelhos de ar condicionado. Esse trabalho começou há cerca de um mês". E completou que o Escritório Técnico da Universidade estuda criar um Escritório de Planejamento próprio do campus". **(Julia Noia)**

BOLETIMDAADUFRJ

SUCESSÃO NA UFRJ: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO EM DEBATE

ELISA MONTEIRO
elisamonteiro@adufrj.org.br

Ensino, pesquisa e extensão. Na reta final da eleição para a Reitoria daUFRJ, o **Boletim da Adufrj** ouviu as três chapas sobre as atividades-fim da maior universidade federal do país. A ordem das respostas corresponde à ordem de inscrição das candidaturas.

A Chapa 20, dos professores Roberto Bartholo e Felippe Cury, fala em estimular a modernização pedagógica dos currículos e das práticas em sala de aula na graduação. Na pesquisa, quer rediscutir os indicadores de desempenho. Para a extensão, a proposta é descentralizar e reconhecer os projetos em curso.

Para a Chapa 10, dos professores Denise Pires de Carvalho e Carlos Frederico Leão Rocha, o principal desafio da graduação é reverter as atuais taxas de evasão e retenção. Na área da pesquisa, propõem um escritório técnico junto à PR-3 para administrar projetos e agilizar fomentos. A criação de um conselho nos moldes do CEG e CEPG é o caminho apontado para aperfeiçoar a política de extensão.

Oscar Rosa Mattos e Maria Fernanda Quintela, da chapa 40, defendem um ensino integrado com disciplinas compartilhadas entre diferentes cursos de graduação e entre graduação e pós. Para a pesquisa, propõem editais internos, manutenção de unidades multiusuárias, bibliotecas, editais para professores visitantes e seniores e estímulo à divulgação científica. Sobre a extensão, a chapa reconhece ser necessário avançar na democratização das decisões a partir de um conselho próprio.

FOTOS DE FERNANDO SOUZA

ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO




REITOR: **ROBERTO BARTHOLO**
Coppe

VICE-REITOR: **JOÃO FELIPPE CURY MARINHO MATHIAS**
Instituto de Economia

CHAPA 20

1. Quais os principais problemas que a chapa enxerga no ensino da graduação e da pós-graduação?
As atividades de ensino são cada vez mais reféns de problemas orçamentários e de gestão, sobretudo as de graduação. Se destacar em ensino não agrega na reputação e nos recursos disponíveis na mesma proporção que a proeminência em pesquisa. Por isso, há um desbalanceamento de importância relativa dessa atividade, levando a desinteresse docente, práticas pedagógicas anacrônicas e perda de qualidade da atividade.

2- O que a chapa pretende mudar na política de ensino da UFRJ?
Vamos priorizar o fortalecimento das atividades de ensino, sobretudo de graduação. Entendemos que, no século XXI, o crucial é o aprendizado, sendo o ensino parte dele. Vamos estimular a modernização pedagógica dos currículos e das práticas em sala de aula, atualizando a UFRJ em esferas onde a universidade não está, como os cursos online em plataformas como Coursera (que oferece aulas em vídeos e opções de leitura obrigatória e extra, para melhor entendimento dos conteúdos repassados).

3 - Qual o principal problema que a chapa enxerga na área da pesquisa científica na universidade?
A universidade pública, a UFRJ em particular, tem a responsabilidade de contribuir para o desenvolvimento nacional e não de produzir estatísticas. Pesquisa é mais do que pesquisa científica e há mais em pesquisar do que atender a indicadores de desempenho. Devemos definir a pauta da pesquisa científica, tecnológica, artística e não apenas responder a indicadores impostos sobre nós.

4 - Qual proposta tem para a pesquisa? O que pretende mudar?
Queremos uma pesquisa que crie valor e valor pode ser criado de múltiplas maneiras: via artigos, livros, tecnologias, produtos, negócios. Privilegiar um tipo de produção em detrimento dos outros, em todos os campos do saber, não faz sentido. Precisamos rediscutir os indicadores de desempenho e facilitar a criação de valor em outras modalidades que hoje não são devidamente reconhecidas.

5 - Qual o principal problema que a chapa vê na política de Extensão da UFRJ?
Entendemos que a extensão não pode ser confinada a um entendimento estreito, que limita as ações que podem ser empreendidas nessa área. Diversas ações de extensão não têm recebido o devido reconhecimento institucional.

6 - O que a chapa pretende mudar na área de extensão?
Entendemos que a extensão tem que ser livre e a definição do que pode ou não ser enquadrado como extensão deve ficar descentralizada em cada unidade. Entendemos que a reitoria deve ter papel conector entre iniciativas e não regulador. Pretendemos fortalecer a extensão universitária conectando as iniciativas e aumentando a visibilidade das ações, pois elas impactam diretamente na imagem e no valor que a UFRJ agrega à sociedade.




REITORA: **DENISE PIRES DE CARVALHO**
Instituto de Biofísica

VICE-REITOR: **CARLOS FREDERICO LEÃO ROCHA**
Instituto de Economia

CHAPA 10

1. Quais os principais problemas que a chapa enxerga no ensino da graduação e da pós-graduação?
Na graduação, as altas taxas de evasão e retenção em muitos cursos da UFRJ são o principal problema. Temos de atuar fortemente na questão da permanência dos alunos. Na pós-graduação, alguns cursos tiveram problemas na última avaliação da Capes. Além disso, temos sofrido com a redução dos recursos para a pesquisa e a defasagem nos valores das bolsas.

2- O que a chapa pretende mudar na política de ensino da UFRJ?
Pretendemos identificar as possíveis causas de altas taxas de evasão e retenção nos diferentes cursos e atuar para aumentar o número de concluintes, por intermédio de políticas específicas. Estimularemos a discussão de novas metodologias de ensino, incluindo o uso de plataformas digitais diversas. Também devem ser identificadas as causas de alguns programas não terem sido bem-sucedidos na avaliação da Capes. Uma possível solução é a formação de "casadinhos internos", em que programas 6 e 7 atuam em colaboração com programas 3 e 4 para melhorar a avaliação.

3 - Qual o principal problema que a chapa enxerga na área da pesquisa científica na universidade?
A infraestrutura dos laboratórios de pesquisa está sucateada, na maioria. O fomento destinado à pesquisa vem diminuindo progressivamente. Portanto, a redução no fomento e a infraestrutura inadequada podem diminuir a qualidade das atividades de pesquisa. A Universidade é excessivamente burocratizada na condução de recursos de financiamento e mantém elevada insegurança jurídica.

4 - Qual proposta tem para a pesquisa? O que pretende mudar?
Pretendemos discutir e regulamentar o Marco Legal de Ciência e Tecnologia no âmbito da UFRJ para aumentar a possibilidade de fomento. Proporemos a criação de um escritório técnico junto à PR3 para administrar projetos de pesquisa e agilizar fomentos em agências nacionais e internacionais. Esse escritório servirá ainda para facilitar a importação de equipamentos e material de consumo. A adoção de práticas de compras centralizadas pode também reduzir o custo de vários insumos aos laboratórios.

5 - Qual o principal problema que a chapa vê na política de Extensão da UFRJ?
A política de Extensão da UFRJ tem sido centralizadora e burocrática. A definição de extensão é estreita e desagrada à comunidade universitária. Essa forma de condução tem desestimulado a prática de extensão e algumas pessoas que desenvolviam atividades de extensão desistiram de atuar. Essa situação é agravada em razão da necessidade de inclusão de 10% da carga horária em atividades de extensão nos currículos de graduação, o que gera grande insatisfação ao corpo discente.

6 - O que a chapa pretende mudar na área de extensão?
Proporemos a criação do Conselho de Extensão nos moldes do CEG e CEPG. A política de Extensão será mais republicana e o conceito será ampliado e discutido amplamente nesse Conselho. Buscaremos envolvimento de nosso corpo social. Pretendemos atuar de forma mais democrática e em diálogo permanente com a comunidade universitária.




REITOR: **OSCAR ROSA MATTOS**
Coppe

VICE-REITORA: **MARIA FERNANDA QUINTELA**
Instituto de Biologia

CHAPA 40

1. Quais os principais problemas que a chapa enxerga no ensino da graduação e da pós-graduação?
O ensino precisa ser mais integrado na UFRJ, com disciplinas compartilhadas horizontalmente (entre diferentes cursos de graduação) e verticalmente (entre a graduação e a pós). Criar mais "áreas verdes" nos currículos é importante para integrar o ensino com a pesquisa e a extensão.

2- O que a chapa pretende mudar na política de ensino da UFRJ?
A questão das formas e práticas de ensino são muito particulares de cada área ou unidade acadêmica e isso precisa ser respeitado. Cabe à Reitoria fomentar e estimular o debate que possa aperfeiçoá-las. Nesse processo, ouvir os estudantes e fortalecer as Comissões de Acompanhamento e Orientação Acadêmica (COAAs) é fundamental.

3 - Qual o principal problema que a chapa enxerga na área da pesquisa científica na universidade?
Os grupos de pesquisa da UFRJ representam um patrimônio do país. No nosso entender, a falta de recursos financeiros e de reconhecimento são os principais problema da pesquisa científica, o que causa impactos preocupantes, em especial aos jovens docentes que estão estabelecendo seus laboratórios e núcleos na universidade.

4 - Qual proposta tem para a pesquisa? O que pretende mudar?
Queremos criar editais internos, manter ativas nossas unidades multiusuárias, bibliotecas e outros espaços de pesquisa. Buscar parcerias e manter os editais para professores visitantes e seniors podem ser formas de atravessar esse momento de baixo investimento. Queremos também estimular a divulgação científica.

5- Qual o principal problema que a chapa vê na política de Extensão da UFRJ?
Das atividades acadêmicas, a extensão foi a mais recentemente implementada, sendo a que carece de maior institucionalização e capilaridade. Avançamos muito ao longo das últimas gestões. A criação de um Conselho de Extensão com configuração similar ao Conselho de Ensino de Graduação (CEG) e Conselho de Ensino para Graduados (CEPG) é um passo necessário neste sentido.

6 - O que a chapa pretende mudar na área de Extensão?
Avançar na democratização das decisões, hoje ainda muito concentradas na figura do Pró-reitor. A Plenária de extensão, com assento de coordenadores de todas as unidades e centros, tem sido muito importante, mas é preciso criar o Conselho de Extensão. Vamos discutir e ouvir a comunidade, preservando o princípio da gratuidade.

QUESTÃO DA DIRETORIA: COMO AVALIA A SITUAÇÃO DO CANECÃO E COMO PRETENDE RESOLVER ESTA QUESTÃO?

A situação do Canecão é mais um exemplo do entrelaçamento entre problemas orçamentários e de gestão. Expõe a dificuldade que a UFRJ tem em superar barreiras que nos impedem em pensar e agir para criar valor para a sociedade. Pretendemos criar um parque artístico inspirado no parque tecnológico, que permita potencializar e dar vazão às atividades de ensino, pesquisa e extensão das unidades relacionadas na UFRJ, criando e capturando valor em parceria com a sociedade amplamente entendida, envolvendo pessoas e organizações públicas, privadas e do terceiro setor.

O Canecão não existe mais. Há apenas uma dívida da Universidade com a sociedade de prover um espaço cultural naquela área. Não podemos cometer os mesmos erros do passado. O ideal seria uma parceria com o setor privado para o funcionamento de uma casa de espetáculos. O projeto BNDES, iniciado pela atual reitoria, prevê a cessão de toda área entre o Instituto de Psiquiatria, a Neurologia e o Rio Sul. São 44 mil metros quadrados. Seria interessante que, no caso do espaço cultural, houvesse um formato contratual que permitisse o uso dessas instalações pela Universidade.

Queremos devolver à cidade do Rio de Janeiro um equipamento cultural aos moldes do Canecão. Por isso, daremos continuidade ao projeto da UFRJ desenvolvido em parceria com o BNDES. Por enquanto, sabemos que está prevista a construção e manutenção estrutural de uma série de equipamentos da universidade, durante todo o período de seção de uso. Entre eles, um espaço cultural multiuso, com gestão e governança da UFRJ, na Praia Vermelha, que também servirá de laboratório de extensão para todos os cursos na área cultural da universidade.

FERNANDO SOUZA



SARA COHEN: escolas de samba só têm até quatro mulheres entre os 24 integrantes de alas de cuíca

Cuiqueiras ensinam o som da resistência

ANA PAULA GRABOIS
anapaula@adufrj.org.br

Concertista de piano e professora da Escola de Música da UFRJ, Sara Cohen se encantou há cerca de sete anos pelo som da cuíca. "Dizem que ela chora, que late ou que pode gargalhar. O que traz felicidade é tocar cuíca, chorando a cuíca para não pensar nesse quadro maluco que estamos vivendo", disse a pianista.

Sara tem participado de diversos desfiles na bateria das escolas com a sua cuíca, um processo que ocorreu gradualmente. Começou a tocar no bloco do mestre Odilon e no desfile da escola de samba Embaixadores da Folia e finalmente, passou a participar dos ensaios da Império da Tijuca, no Morro da Formiga, na Zona Norte do Rio. Depois, foi convidada para gravar o CD das escolas de samba no carnaval de 2015 e a desfilar. Neste mesmo ano, também passou a tocar na bateria da Paraíso do Tuiuti.

Sua trajetória no mundo das escolas de samba retrata a conquista feminina de espaços antes predominantemente ocupados por homens. A cuíca ainda é um instrumento majoritariamente tocado por homens nas escolas de samba, mas as mulheres têm conseguindo entrar aos poucos. "A Vila Isabel tem uma mulher dirigindo a ala de cuícas, a Salgueiro pela primeira vez tem duas mulheres na cuíca. A Tatuapé, em São Paulo, teve uma ala só de mulheres cuiqueiras neste ano. Em geral, as alas de cuícas têm 24 integrantes e as escolas têm até quatro participantes mulheres, essa ainda é a realidade", afirmou Sara, que apresentou o projeto "Sambando Para Não Sambar" na semana passada na roda de conversa promovida pela Adufrj. A entidade tem realizado eventos e debates sobre a participação feminina na sociedade por meio da campanha "Sem Mulher a Ciência fica pela Metade".

Na roda de conversa, as professoras Jacqueline Leta, do IBQm, e Liv Sovik, da ECO, debateram questões que envolvem as mulheres na Academia. Jacqueline falou sobre as desigualdades de gênero nas carreiras científicas no Brasil e no mundo. Liv abordou a cultura machista dentro do ambiente universitário, que ainda comporta casos de assédio sexual e que necessita de maior debate dentro das instituições. Para ela, existe um silenciamento da Academia. "É um tema que começa a ser discutido, mas ainda de maneira muito tímida."

Na Coppe, ministro de C&T pede apoio da Academia para aumentar orçamento

■ Num contexto de ataques à universidade pública e aos servidores, o ministro de Ciência e Tecnologia, Marcos Pontes, abriu o ano letivo da Coppe, dia 22. A aula inaugural transcorreu de forma diferente das que costumam ser realizadas na Academia. Predominou o tom de palestra motivacional, baseada em sua história de vida: o garoto pobre de Bauru que virou piloto, engenheiro e, depois, astronauta. "Que vocês tenham um grande sonho. Nós queremos criar o caminho para vocês", disse.

Pouco foi falado sobre o trabalho à frente do ministério. Mas é certo que o discurso do ministro agradou à comunidade acadêmica. Pontes reconhece a falta de recursos e concursos na área. Segundo ele, é importante convencer os políticos sobre a importância da pesquisa científica e seus retornos para a economia e para a qualidade de vida das pessoas. "Precisamos mostrar isso. Não basta eu pedir recursos. Os ministros das outras áreas também estão pedindo", afirmou.

No que depender do que viu na UFRJ após a aula inaugural, Pontes terá bastante material para mostrar aos parlamentares: passeou no MagLev, um trem de levitação magnética e, no Parque Tecnológico, visitou o tanque oceânico que ajuda nas pesquisas da extração do petróleo em alto mar, além de conhecer outras iniciativas da Coppe.

DIVULGAÇÃO/COPPE



PONTES: "Não basta eu pedir recursos"

REDAÇÃO: COORDENAÇÃO ANA BEATRIZ MAGNO /// **EDIÇÃO** ANA PAULA GRABOIS E KELVIN MELO ///
REPORTAGEM ELISA MONTEIRO E SILVANA SÁ /// **ESTAGIÁRIAS** GIULIA VENTURA E JULIA NOIA /// **DESIGN** ANDRÉ HIPPERTT ///
TI EDUARDO VALDOSKI /// **DIRETOR RESPONSÁVEL PELA COMUNICAÇÃO** PROFESSOR FELIPE ROSA